

Cartografia da produção jornalística laboratorial – Fases 1 e 2¹

Demétrio de Azeredo Soster²
Arthur Cordeiro Dias³
Gabrielle Barbosa Oliveira⁴
Karla Thyale Mota⁵
Marcelo Ricardo Cristóvão Ramos⁶
Maria Cândida Novaes Rocha⁷
Rebeca Almeida Knapp⁸
Sofia Oliveira Amaral⁹
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO

Uma vez concluído o levantamento inicial do projeto “Cartografia da produção jornalística laboratorial”– Fase 1, e desenvolvido o site interativo para que pesquisadores de todos os níveis pudessem consultar a referida produção, é chegado o momento de cuidar de sua manutenção e atualização, a Fase 2. A abordagem é qualitativa, nos moldes de Demo (2000); e o método, cartográfico. Espera-se, ao fim, que o mapa, atualizado e ampliado, sirva para qualificar o trabalho das comunidades docentes e discentes envolvidas na produção jornalística-laboratorial brasileira. O problema, pensando-se especificamente na produção de conhecimento decorrente do projeto, é saber qual o estado da arte da produção jornalística-laboratorial brasileira. A hipótese que nos move é que a produção jornalística laboratorial se encontra fragmentada, dispersa e com baixa visibilidade midiática.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo-laboratório; Jornalismo; Cartografia; Produção jornalística; Laboratório

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Coordenador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFS, email: deazedososter@academico.ufs.br

³ Estudante de Graduação no oitavo semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: arthurd@academico.ufs.br.

⁴ Estudante de Graduação no oitavo semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: gabieolive@academico.ufs.br / gabriellejornal@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação no oitavo semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: kthyale@academico.ufs.br

⁶ Estudante de Graduação quarto semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: oiceloramos@academico.ufs.br

⁷ Estudante de Graduação segundo semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: cmariafnr@academico.ufs.br

⁸ Estudante de Graduação no sexto semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: rebecaknapp@academico.ufs.br

⁹ Estudante de Graduação no sexto semestre do Curso de Jornalismo da UFS, email: sofiamaral@academico.ufs.br

CORPO DO TEXTO

Este resumo ampliado diz respeito às Fases 1 e 2 do projeto “Cartografia da produção jornalística laboratorial”, em desenvolvimento no Departamento de Comunicação Social (DCOS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Se, na Fase 1, ainda em 2023, o objetivo geral foi realizar o levantamento da produção laboratorial em jornalismo nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, comunitárias e privadas de todo o Brasil, e desenvolver um mapa interativo com estes dados, busca-se, agora, alcançados os objetivos¹⁰ iniciais, ampliar e atualizar este levantamento.

Isso de tal forma a propiciar, igualmente, aos professores, estudantes e pesquisadores de jornalismo de todo o Brasil, aqui compreendidos como comunidades jornalísticas, um conhecimento mais estruturado sobre o estado da arte da produção laboratorial no Brasil. A iniciativa se justifica, no diálogo com o pensamento seminal de Dirceu Fernandes Lopes (SOSTER, TONUS, 2013), à medida que a prática laboratorial em jornalismo é parte essencial do processo de aprendizado da profissão.

Começamos dizendo que compreendemos o projeto “Cartografia da produção jornalística laboratorial” como um projeto de extensão. Usualmente, quando o assunto é prática extensionista, os olhares se voltam para as atividades que as universidades realizam no diálogo com comunidades de seus entornos em geral, bem como as instituições que as representam, e não necessariamente para organizações ou comunidades acadêmicas.

É o que está posto no artigo *A prática de extensão universitária em organizações de natureza jornalístico-comunicacional*¹¹. Ao refletirmos sobre as práticas que estudantes de jornalismo realizavam em redações de jornais – cadernos especiais, encartes etc., concluímos que estes diálogos se davam entre as salas de aulas e as comunidades profissionais. Estamos falando, no diálogo com o texto seminal, como dissemos, que as redações – e as salas de aulas e laboratórios, podem ser consideradas comunidades.

“(…) à medida que compartilham valores, executam práticas, têm hábitos e costumes em comum que nos permitem identificar, com um razoável grau de segurança, o que são e o que fazem enquanto grupo social. Trata-se de comunidades interpretativas, ou “tribos”, na terminologia sugerida por Traquina (2005), que, para além das crenças e valores que compartilham, possuem modos de ser semelhantes, à revelia de onde se encontrem. Que podem ser identificados, enquanto coletividade, como uma comunidade, enfim, neste caso imersa em um processo produtivo e de natureza especializada, voltada a múltiplos propósitos. (SOSTER, 2013)

Neste sentido, e aqui com Gallino (2005, p. 138), uma comunidade existe como tal quando há uma espécie de reciprocidade entre seus membros, que se distinguem dos demais por meio de seus valores, normas e costumes. É o que ocorre com jornalistas em uma redação, ou mesmo alunos de jornalismo envolvidos em práticas laboratoriais: podemos identificá-los como uma comunidade por meio das tarefas que executam,

¹⁰ O mapa com a cartografia da produção jornalística laboratorial no Brasil, desenvolvido na Fase 1 do projeto de extensão, pode ser acessado por aqui: <https://www.cartografialaboratorial.com>

¹¹ Disponível em: [<https://repositorio.abejor.org.br/wp-content/uploads/2023/10/A-pratica-de-extensao-universitaria-em-organizacoes.pdf>] Acesso em: [14/03/2024]

propósitos, valores, metas a serem alcançados, normatizações etc. São, portanto, comunidades; em o sendo, são passíveis de práticas extensionistas.

Dialogando com Vieira e Gontijo (2008), a discussão avança quando observada a perspectiva que localiza a extensão como movimento dialógico que reúne saberes investigados e ensinados, nos moldes de Paulo Freire (1992). Segundo este (1992), se compreendida como comunicação, ou seja, como um algo que exige, para se realizar, antes reciprocidade que transferência de saberes, estaremos diante de possibilidades mais largas de compreensão da atividade extensionista.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há uma “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário. Esta co-participação do sujeito no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. (FREIRE, 1992, p. 66)

Ou seja, é preciso pensarmos a extensão como movimento dialógico marcado pela transformação dos sujeitos envolvidos no processo que simples transferência de saberes; em o sendo, pouco importa se a referida transformação ocorre dentro ou fora das universidades: a premissa não é o local, e sim a transformação que nele tem lugar. Tendo feita a delimitação conceitual, passamos agora para a explicitação do projeto.

Uma experiência cartográfica

Desde o início do projeto “Cartografia da produção jornalística laboratorial”, a abordagem metodológica tem sido qualitativa, nos moldes de Demo (2000), atenta, de um lado, aos aspectos mensuráveis da proposta, enquanto que, de outro, às nuances reflexivas. Há de se considerar, ainda, a abordagem cartográfica da proposta, aqui compreendida como método de pesquisa, igualmente. Com Prado Filho e Teti (2013), mas, também, com Passos, Kastrup e Escóssia (2009), vamos aprender que se trata, a cartografia, de uma técnica de pesquisa que nos permite, a um tempo, a compreensão tanto espacial quanto temporal do fenômeno.

Os trabalhos da Fase 1 se iniciaram em novembro de 2022. Buscou-se, ao longo do primeiro ano, cumprir um roteiro de oito passos, ou etapas: 1 Formação de equipe; 2 explicitação da proposta aos integrantes; 3 contato com as IES e levantamento das informações; 4 Sistematização, análise e checagem dos dados coletados; 5 Criação e desenvolvimento do repositório digital; 6 Versão beta do produto; 7 Lançamento, e, finalmente 8 Geração de conhecimento (artigos, capítulos de livros etc.). O fluxo foi ascendente, do primeiro em direção ao oitavo passos, iniciando-se o próximo a partir do momento em que o anterior estiver concluído.

A título de ilustração, o primeiro obstáculo enfrentado pela equipe na Fase 1 disse respeito à dimensão da proposta – uma país de nuances continentais, e o número reduzido de recursos e integrantes da equipe. A solução foi dar início aos esforços cartográficos pela Região Nordeste, onde a UFS se localiza, e, a partir daí, expandir para os demais estados, gradativamente. Os resultados encontrados na Região Nordeste, por sua vez, serviram

para a construção do que chamando de “Fase Beta” da iniciativa; ou seja, o mapa cartográfico da produção laboratorial nos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão.

Optou-se, como estratégia de aproximação, por priorizar as instituições mais tradicionais, e, portanto, reconhecidas, na formação de futuros jornalistas; e, a partir delas, ir agregando novas IES à medida que forem sendo reconhecidas. É o caso, por exemplo, do estado de Pernambuco, o 5º estado mais populoso da federação. Das 14 instituições que possuem jornalismo na grade curricular segundo o MEC em Pernambuco, apenas a UNICAP e a Asces-Unita possuem um acervo de produção laboratorial disponível on-line. A saída foi entrar em contato via e-mail e telefone com as faculdades listadas, o que nem sempre significou retorno.

Especificamente sobre a coleta de dados, uma primeira, e mais imediata, dificuldade que se interpôs no caminho dos pesquisadores foi tanto a localização das IES que, em seus cursos de jornalismo, desenvolvem atividades laboratoriais, como a comunicação com as mesmas. A equipe enfrentou problemas de toda a ordem, desde a falta de retorno das IES que desenvolvem práticas laboratoriais em suas grades curriculares; ausência de professores responsáveis pelas mesmas e até a não existência de jornais-laboratório nestes locais.

O resultado da Fase 1 (Imagem 1|), envolvendo 115 IES de 26 estados brasileiros, podem ser encontrado <https://www.cartografialaboratorial.com/>

Imagem 1: cartografia produção laboratorial



Fonte: <https://www.cartografialaboratorial.com/mapa>

Já na Fase 2, que se iniciou em fevereiro de 2024, o objetivo geral é manter, atualizar e ampliar o projeto "Cartografia da Produção Jornalística Laboratorial" de forma que, ao fim, possa servir de aporte didático-pedagógico aos estudantes de Comunicação; nela, o

jornalismo, de todo o país. Serão, igualmente, em número de oito os passos a serem realizados ao longo do ano: 1 Formação de equipe (concluída). 2 Explicitação da proposta aos integrantes, com distribuição de tarefas (concluída); 3 revisão bibliográfica (em andamento); 4 Contato com as IES, checagem e atualização das informações; 5 Sistematização, análise e checagem dos dados coletados; 6 Aperfeiçoamento e manutenção do repositório digital; 7 Diálogo com as IES que possuem atividade laboratorial. 8 Geração de conhecimento (artigos, capítulos de livros etc.).

REFERÊNCIAS

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, 2006.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000. LOPES, Dirceu. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GALLINO, Luciano (org). **Dicionário de sociologia**. São Paulo: Paulus, 2005.

LOPES, Dirceu. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989

LOPES, Dirceu. **Para uma pedagogia do jornal-laboratório**. Cadernos Posgrad - Comunicação no 1 - Cadernos de Pós-graduação da Universidade Católica de Santos. Santos: Leopoldianum, 2001.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna. **Jornalismo-laboratório: práticas digitais**. Disponível em: [<https://www.editoracatarase.com.br/jornalismo-laboratorio-praticas-digitais/>] Acesso em: [21 de setembro de 2022]

SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna. **Jornalismo-laboratório: televisão**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2015.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna. **Jornalismo-laboratório: rádio**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

SOSTER, Demétrio de Azeredo; TONUS, Mirna. **Jornalismo-laboratório: impressos**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **A prática de extensão universitária em organizações de natureza jornalístico-comunicacional**. Disponível em: [<https://repositorio.abejor.org.br/wp-content/uploads/2023/10/A-pratica-de-extensao-universitaria-em-organizacoes.pdf>] Acesso em: [14/03/2024]

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume I: porque as notícias são como são**. 2ª Ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo Volume II: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª Ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VIEIRA, Adriano; GONTIJO, Pedro. A pedagogia da extensão e a extensão da pedagogia.
Diálogos: pedagogias da extensão. Brasília, vol. 9, p. 53. Agosto de 2008.